

Ficando à Esquerda do Boom da Linguagem

O Ensino de Idiomas e Cultura no Frio

JORDAN EASON

A Força Aérea dos EUA (USAF) desenvolveu várias especialidades, ao longo do tempo, em suas respectivas missões e Códigos de Especialidade da Força Aérea (AFSCs).¹ Este artigo defende a revolução do treinamento especializado em línguas para aviadores e guardiões;² e desafia o padrão de ensino do Teste de Proficiência em Língua da Defesa (DLPT),³ que evita o foco da literatura ficcional no ensino de línguas estrangeiras para estudantes militares. Além disso, desafia a noção de que nossa formação linguística deve mudar, assim como nossas outras prioridades, em relação a concorrentes próximos, como a República Popular da China (RPC) e a Rússia. Em vez disso, defende o ensino especializado em línguas, como o ensino de dialetos africanos específicos do português, como os encontrados em Angola ou Moçambique.

Histórico

Recentemente, refleti sobre meus dez anos de serviço na ativa como oficial da Força Aérea dos EUA enquanto ensinava português para estudantes por meio de um contrato do Instituto de Línguas da Defesa, o que me lembrou das oportunidades únicas que existem nas Forças Armadas dos EUA. Os oficiais da USAF aprendem rapidamente como Oficiais de Grau de Companhia (CGOs) que eles devem tomar medidas ofensivas antes da ocorrência de um incidente (left of boom)⁴. É claro que a definição de incidente foi expandida para além do campo de batalha para outros setores que apoiam as forças armadas, como linguagem, comunicações, contratação e muitos mais.

A diversidade de línguas que ensinamos aos aviadores para falar dentro da USAF, seja a linguagem de contratação ou manutenção, é sempre muito específica para sua tribo individual do AFSC. Carreiras especializadas exigem treinamento especializado e, em sua maioria, a USAF tem sucesso no treinamento dessas áreas. No entanto, nosso ensino de línguas estrangeiras poderia aprender com a natureza especializada do treinamento que a maioria dos setores do AFSC treinam seus Aviadores e Guardiões. Para este artigo, pode-se definir o ensino especializado em línguas como treinamento adaptado tanto para a região quanto para o setor no

qual o Aviador e o Guardião atuarão. Por exemplo, um mestre de cargas que viaja para Moçambique deve estar ciente das diferenças regionais do dialeto português naquela região, juntamente com a amplitude léxica necessária para operar como um mestre de cargas.

As forças armadas dos EUA têm uma exigência firme de treinamento de militares em vários idiomas ao redor do mundo. Enquanto eu trabalhava para o Centro Nacional de Línguas Estrangeiras recentemente como Especialista no Assunto (SME) para a língua portuguesa, posso confirmar que o interesse do Departamento de Defesa (DoD) e de outras agências similares nos EUA, vai além do espanhol, chinês e russo. Devido à minha experiência, neste artigo vou me concentrar na língua portuguesa.

São poucas as oportunidades de se trabalhar em uma função de língua portuguesa na USAF. No entanto, ensinamos português ao pessoal que não o usará em suas posições designadas, apenas para manter uma reserva de pessoal treinado. Essa abordagem de “comprar em grande quantidade” é mais barata do que fornecer treinamento sob demanda, mas nem sempre é ideal para aqueles que o precisam. Em vez disso, este artigo propõe uma abordagem de qualidade contra quantidade em nosso treinamento linguístico.

Além disso, normalmente não proporcionamos treinamento linguístico para os lugares onde enviamos nossas tropas *em massa*. Penso no meu tempo de serviço no Kuwait e nos meus colegas que foram designados para a Coreia do Sul, Alemanha ou Itália, que muitas vezes trabalhavam em ambientes com 100% de língua inglesa. O valor agregado dessa abordagem quantitativa para o treinamento linguístico é questionável, especialmente, por exemplo, quando uma tropa a caminho de Moçambique não recebe treinamento especializado para aquele país, mas, em vez disso, recebe o mesmo treinamento do pessoal designado para o Rio de Janeiro. Apesar de nossos esforços frustrados no início do Afeganistão, é perturbador que ainda subestimamos o valor da linguagem complexa e do conhecimento cultural em regiões de menor enfoque no mundo. Durante o treinamento de contratação de contingência, muitas vezes nos apresentavam histórias de “sucesso” de oficiais contratantes que foram obrigados a usar imagens em suas declarações de trabalho em projetos de construção avaliados em mais de US\$ 100.000, a fim de se comunicar com os prestadores de serviços devido à falta de tradutores. A próxima Guerra Fria, que possivelmente já começou, será, mais uma vez, travada nas periferias das nações, e não devemos nos desfazer de uma força capaz nessas áreas. Portanto, a USAF deve continuar a investir no ensino de um conjunto diversificado de idiomas usando uma variedade de métodos diferentes.

Em um Mundo de Guerra Convencional, por que a Literatura Ficcional?

“Grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível”

– Ezra Pound⁵

A literatura tem uma maneira fascinante de transportar seus leitores para lugares distantes, expondo-os a diferentes percepções e ideias. É essa especialização e conhecimento detalhado da língua que será necessário em nossa competição com a RPC e a Rússia nas periferias dos países onde a concorrência tende a ocorrer. Em um mundo dominado por mensagens de texto em vez das chamadas telefônicas, o método de ensino de línguas estrangeiras da Segunda Guerra Mundial, focado na comunicação verbal, não pode mais ser utilizado. As forças armadas precisam não apenas de proficiência oral, mas também de habilidades de redação e leitura crítica nas línguas estrangeiras que precisamos explorar.

Essas periferias de países onde podemos esperar futuros conflitos, como a Guiné Equatorial ou Angola, exigem treinamento especializado para seus dialetos únicos. Afinal, não estamos falando de treinar centenas de oficiais para saber navegar em Moçambique, muitas vezes estamos falando de um punhado, ou menos, de pessoal. O treinamento para este pequeno número de pessoas deve ser explorado qualitativamente em vez de quantitativamente. Como um oficial contratante autorizado e graduado do Programa de Aviador com Habilitação em Idiomas, respeito e entendo que cada orçamento tem seus limites. Também entendo que a principal missão da USAF é e sempre será, “Voar, Lutar e Vencer.” No entanto, eu sempre me pergunto, ao encararmos nosso próximo inimigo, se vamos continuar a cometer os mesmos erros do passado, e limitar-nos ao nosso próprio conjunto de regras, que pouco importam para muitos no mundo.

Durante anos, o DLPT se concentrou em uma lista de gêneros limitados a crime/narcóticos, terrorismo, defesa/segurança/polícia, geopolítica (relações internacionais), economia, tecnologia/cibernética, meio ambiente, sociedade e administração/logística. No entanto, uma das definições críticas que os autores dos testes do DLPT usam para avaliar a proficiência em idiomas no nível 2+, de acordo com a Escala Mesa Redonda de Idiomas Interagências, é através do uso de “palavras descritivas.”⁶ No entanto, palavras descritivas são comumente encontradas em um dos poucos gêneros que não está nesta lista, a literatura ficcional. O artigo de Evi Puspitasari, “Aprendizagem baseada em literatura para desenvolver o vocabulário dos estudantes” confirma a ideia de que o vocabulário descritivo é adquirido no estudo da literatura.⁷ Para o propósito deste estudo, a literatura “é um mundo de fantasia, horror, sentimentos, visões... expressadas em palavras.”⁸ A

literatura ficcional é uma porta de entrada para os ideais dos indivíduos que os escrevem e é muitas vezes uma das fontes mais estudadas de uma cultura.

Recentemente, os militares dos EUA têm seguido regras cada vez mais restritivas, às vezes justificadas, que limitam a força. Um exemplo seria a contratação de um professor de português com doutorado em Literatura Brasileira, em vez de uma pessoa local da área de interesse, como Cabo Delgado, que teria um conhecimento inestimável da cultura. Ou ainda, exigir que apenas cidadãos americanos sejam contratados para treinar nossas tropas em línguas estrangeiras. Isso vai contra os padrões da indústria privada, como a contratação de especialistas em idiomas do Duolingo, em que o fator de discriminação é muitas vezes contra aqueles que não são falantes locais ou nativos. Embora possam haver muitas crianças bilíngues desde o nascimento nos estados, ou imigrantes que se naturalizaram mais tarde na vida, esses dois grupos têm suas próprias desvantagens, que limitam a competição por cargos em funções críticas de treinamento. Este artigo não pretende limitar a importância das certificações e diplomas oficiais, mas afirmar a necessidade de treinamento especializado. Professores de literatura, muitas vezes evitados até mesmo como parte da base do nosso programa de idiomas de defesa, são essenciais para treinar as pessoas nas complexidades das línguas modernas. A literatura deve ser adicionada à lista de categorias linguísticas na preparação de materiais linguísticos, pois muitas vezes desempenha um papel tão ou até mais importante do que o crime, a economia ou o terrorismo. Stephen D. Krashen⁹ e Rosanna McCoy Weir¹⁰ confirmam em suas pesquisas que a literatura é mais eficaz quando se trata de aprender um novo vocabulário. Outros como Krsteva Marija e Marija Emilija Kukubajska¹¹ explicam como o estudo da literatura pode ajudar os estudantes a entender a reação muitas vezes complicada dos autores e seus desafios socioculturais na época. Os autores demonstram como a expressão imaginativa e as respostas psicológicas são descobertas no estudo da literatura. Seu trabalho aborda respostas específicas a tendências desafiadoras como o vício em drogas e álcool, agitação social, distúrbios de conduta promíscuos e sociopatológicos. Outro exemplo é a abundância de literatura que proporciona uma visão das reações sociopatológicas dos veteranos nos conflitos de suas respectivas nações.

A literatura ficcional fornece evidências, por meio de estudos linguísticos multidimensionais baseados no corpus, para ser uma linguagem muito descritiva. Tony Berber Sardinha e Marcia Veirano Pinto¹² afirmam que o fenômeno ocorre porque “a falta de características léxico-gramaticais associadas à narração que deu aos textos de ficção notas tão altas, eram muito menos comuns no último grupo de registros” ao comparar o estilo descritivo no texto da ficção contra outros “discursos orientados por ocorrências.”¹³ Essa evidência demonstra que o tipo de linguagem que ocorre na ficção tem um registro de vocabulário diferente daquele

de uma reportagem. Se os atuais programas de testes de idiomas da USAF não incluírem essa linguagem, será excluído do treinamento que os treinadores de idiomas da USAF fornecerão aos seus alunos, um registro muito importante em seu desenvolvimento.

Na verdade, Sardinha e Pinto explicam como as notas mais altas dos alunos geralmente vêm de ensaios de maior qualidade na redação acadêmica.¹⁴ Sardinha e Pinto afirmam ainda que seu estudo de capacidade de narração e legibilidade “indica que redações de qualidade no primeiro fator são caracterizados como lexicamente complexos, mais coesos, mais descritivos e contendo mais elementos retóricos...”¹⁵ Além disso, Sardinha e Pinto esclareceram que a “sofisticação léxica” se correlacionava com a qualidade da redação.¹⁶ Portanto, a eliminação da ficção como tema em nosso DLPT e Entrevista de Proficiência Oral (OPI) tornaria nosso treinamento menos sofisticado. Embora a ficção não seja a ferramenta ou fonte mais importante para criar conteúdo de treinamento, não devemos tentar ignorá-la ativamente como tem sido feito até agora.

Assim, o estudante de língua estrangeira que estuda literatura aprende como os falantes nativos respondem a situações e desafios em seu contexto cultural, servindo como porta de entrada para a mentalidade de pensamento crítico e criatividade de um falante nativo. Puspitasari afirma que os alunos que estudam literatura não precisam ir para o país que estudam, pois, as obras literárias são “uma forma brilhante” de aprender conhecimento cultural.¹⁷ Eles também são capazes de aprender os maneirismos mais complexos de uma língua estrangeira, pertencentes a diferentes personalidades/tons. Piera Carroli confirma que a literatura aumenta a capacidade dos alunos de aprender línguas e culturas “em um nível profundo.”¹⁸ Portanto, pode-se presumir que o estudo da literatura em uma língua estrangeira é uma maneira eficaz de aprimorar o ensino aprofundado da linguagem e a formação cultural.

No entanto, Carroli indica outras vantagens do uso da literatura no ensino de idiomas e culturas quando afirma que a literatura é como alimento lento para entender as conexões entre língua, cultura e retórica em um mundo sobrecarregado por textos e imagens digitais.¹⁹ Confirma a necessidade de ter o tempo necessário de treinamento linguístico para desenvolver competências de qualidade ao se comunicar em uma língua e cultura estrangeiras. Em um mundo de notícias falsas e sobrecarga de informações, precisamos que os oficiais da USAF sejam capazes de interpretar criticamente as informações apresentadas a eles em contextos estrangeiros.

O conceito de a literatura não abranger assuntos considerados de interesse das forças armadas simplesmente não é verdadeiro. Romances, testemunhos e contos de conflitos e guerras se entrelaçam desde a existência da literatura. Há muitos

romances pós-modernos e pós-coloniais que tratam diretamente do trauma da guerra.²⁰ Na língua portuguesa, obras como *Os Cus de Judas*, de António Lobo Antunes, não estão tão distantes dos temas geopolíticos e militares almejados pelos criadores de conteúdo do atual conteúdo de aprendizagem do DoD.

O estudo da literatura pode parecer um desperdício para uma nação que só conhece a paz ou a ausência de conflitos, há 15 anos no total desde a sua criação; talvez seja necessário focar mais em outras coisas. No entanto, pensando criticamente sobre a forma como as pessoas interpretam a informação no mundo excessivamente globalizado e conectado em que vivemos hoje, torna-se evidente o quão fundamental é entender a linguagem ao máximo grau. Treinar nossos oficiais em literatura é o caminho a seguir no contexto cada vez mais cinzento dos conflitos atuais. Embora este artigo não assuma que a literatura é a única ferramenta que deve ser incorporada ao ensino linguístico, sugere que áreas como literatura e filmes têm um lugar no treinamento sofisticado dos aviadores e guardiões LEAP de amanhã.

Ficando à Esquerda do Boom da Língua: Defendendo o Português

O português, como língua estrangeira, não está na lista de aulas opcionais que a maioria das crianças pode escolher nas escolas dos EUA. No entanto, em 24 de fevereiro de 2022, a postura política moderna do mundo, como a conhecemos, mudou substancialmente quando o presidente Putin decidiu avançar sua invasão do país pacífico da Ucrânia, e a Europa rapidamente recuperou anos de unidade perdida com os EUA da noite para o dia. Parecia que toda a força da OTAN tinha acordado depois de desfrutar da paz durante as duas primeiras décadas do século XXI. O impacto da Ucrânia pôde ser sentido em todo o mundo, e países como Portugal começaram a apoiar os EUA mais fortemente do que nunca no seu enfrentamento das ações de Putin. No entanto, outras nações, como o Brasil, lembraram a todos que favorecem sua antiga neutralidade um pouco mais do que seus amigos do Norte. Tanto o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva quanto o atual presidente Jair Messias Bolsonaro adotaram uma postura muito questionável em termos de seu apoio à OTAN e ao Ocidente, em vez de oferecer apoio fundamental significativo.²¹ Talvez estejamos vendo as verdadeiras cores que podem ter sido camufladas pelo apelo amazônico e pelo potencial bruto das oportunidades militares e comerciais. No entanto, a neutralidade abre espaço para influência e rotas de saída para as partes envolvidas em crimes de guerra internacionais. Em uma guerra que rapidamente se tornou mais sobre sanções e comércio do que balas e aviões, a necessidade de habilidades únicas na linguagem torna-se mais impor-

tante à medida que as leis internacionais são interpretadas de forma diferente e a desinformação se torna dominante.

Brasil Reforçando uma Postura Neutra

Até recentemente, a maioria dos cidadãos dos EUA poderia ter dificuldade em apreciar a importância do ensino de português ao olhar para uma nação como o Brasil. Claro, existem toneladas de matérias-primas e mais de 200 milhões de pessoas no Brasil, mas existem mais conflitos com inimigos maiores que precisam de atenção agora. No entanto, apesar de concluir acordos militares recentes, como em março de 2020, qualquer um estaria muitíssimo equivocado em supor que o Brasil se preocupa mais com os EUA do que qualquer um de seus outros aliados, como o Irã ou a RPC.

Os EUA têm uma rica história de influência no Brasil e essa influência nem sempre foi positiva. Jerry Dávila observa em seu trabalho *Ditadura na América do Sul* como os EUA, durante a Guerra Fria, “reforçaram a desigualdade” não só no Brasil, mas em toda a América Latina.²² Além do “reforço” econômico, os EUA também impactaram negativamente a República Federativa do Brasil com o uso da força militar. Dávila explica como, durante o golpe militar de 1964 no Brasil, a Marinha dos EUA enviou navios de combustível e abastecimento para o litoral brasileiro para ajudar aqueles que conspiravam contra seus líderes eleitos e o sistema político.²³ Além disso, os EUA também enviaram Dan Mitrione ao Brasil para ensinar tortura de eletrochoque ao regime militar.²⁴ Figuras públicas como Henry Kissinger, que serviu os presidentes Nixon e Ford de 1969 a 1977, viram as ditaduras militares no Brasil e em outras nações sul-americanas como abrigos para os interesses dos EUA.²⁵ Portanto, é compreensível que o Brasil possa querer se distanciar de uma nação que, sem dúvida, fez tanto mal quanto bem.

Mais do que nunca, tanto a direita quanto a esquerda da atual liderança política no Brasil estão adotando uma abordagem neutra. Apesar da aliança entre o Brasil e os EUA se fortalecer desde 1964, talvez a aliança tenha uma perspectiva bastante sombria para um futuro próximo devido à fragmentação da política mundial causada pela invasão da Ucrânia. Em uma entrevista à *Time* em 4 de maio de 2022, o ex-presidente Luiz Inácio da Silva adotou uma abordagem tão neutra quanto podia em questões envolvendo os EUA e a Rússia.²⁶ Embora tenha afirmado que Putin não deveria ter invadido a Ucrânia, ele também culpou os EUA e o presidente Zelensky por incitarem ainda mais o conflito. Desde que o Brasil voltou a ser república em 1985, cada vez mais seus cidadãos passaram a entender que podem existir pontos de vista diferentes, mas mesmo o suposto populista e atual presidente, Jair Messias Bolsonaro, adotou uma postura um tanto semelhante e até defendeu a Rússia, afirmando que a Ucrânia e a Rússia eram nações irmãs, onde até muitos na

Ucrânia falavam russo, e, portanto, o Brasil permaneceria neutro. Bolsonaro citou ainda vantagens econômicas para o Brasil em suas relações com a indústria russa de fertilizantes. Além disso, segundo um relatório da Reuters de 27 de fevereiro de 2022 sobre o assunto, o presidente declarou que “um chefe de Estado como o da Rússia não quer realizar nenhum massacre, em lugar algum.” Esta retórica é ligeiramente diferente do que se pode encontrar em muitos comunicados da imprensa ocidental, que têm relatado locais de valas comuns em Mariupol.

Portanto, por que importa se o Brasil está adotando uma abordagem neutra? Uma razão pode ser devido ao amplo acesso que os EUA concederam à Força Aérea Brasileira dentro das forças armadas dos EUA, o que pode pôr em causa se o raciocínio ainda é válido. No entanto, as relações pessoais desenvolvidas no âmbito de acordos de acesso mútuo importam, e o excesso de comunicação e inter-relações devem ser preferidas, mesmo que possam arriscar alguns resultados negativos. Como exemplo, Dávila alegou que a relação forjada na Segunda Guerra Mundial entre o embaixador dos EUA Lincoln Gordon e o adido militar brasileiro Vernon Walters ajudou a orientar a política e influência dos EUA durante o regime de Goulart no Brasil.²⁷

O Próximo Conflito Frio deve Chamar a Atenção para a África Lusófona

A necessidade de especialização em português se restabeleceu recentemente nas forças armadas dos EUA. Depois de trabalhar recentemente no Centro Nacional de Línguas Estrangeiras e no Instituto de Línguas da Defesa, ficou evidente que os dólares dos nossos contribuintes estão fluindo para treinar nossos membros para se comunicar, ler e ouvir em português. Seja treinando na Escola de Guerra Naval do Rio de Janeiro ou servindo em outras capacidades, como adido de defesa em Moçambique, a necessidade de treinamento linguístico se renova a cada ano. A Academia da Força Aérea dos EUA e as forças armadas dos EUA estabeleceram programas em português há mais de uma década. Devido aos recentes desenvolvimentos do governo chinês na África, como o desenvolvimento de bases na Guiné Equatorial, país que compartilha o português como uma de suas três línguas oficiais, a concorrência por influência na África Ocidental deve favorecer o ensino de português às nossas tropas. Isso é especialmente verdade em Angola, se os EUA buscam competir por influência nesta região – porta de entrada para o nosso flanco no Oceano Atlântico. Ainda que se discorde da importância do ensino de português para os oficiais militares dos EUA na África Ocidental, não há discordância sobre a atual ameaça real do terrorismo em regiões como Cabo Delgado, Moçambique, outro país lusófono. É hora de avaliar quando a mudança em

nosso foco deve se mover em direção à África. Se nossos aliados brasileiros ao sul superam nossa necessidade de focar na África, então devemos pelo menos diversificar como ensinamos o português para nossos militares.

Aplaudo as organizações sob as quais servi recentemente, que diversificaram o ensino de português para incluir dialetos africanos específicos. No entanto, a maioria das forças armadas ainda tratam o português como brasileiro ou continental. Qualquer um de Lisboa a Luanda que fale português entende as complicações de generalizar uma gama tão ampla e diversificada de português como apenas um dialeto para ensino e avaliação. Clenir Louceiro, Emília Ferreira e Cruz E. C. Vera comprovam essa gama diversificada com base em seu trabalho sobre as sete vozes distintas na língua portuguesa.²⁸

Dois dos menores países onde o português é falado como língua oficial podem variar muito em termos de comunicação prática. Muito influenciado pelos crioulos do Alto Guiné e pelos crioulos do Golfo da Guiné, o português pode variar muito de Cabo Verde a São Tomé e Príncipe.²⁹ Além disso, o uso continuado do português como segunda língua em países como Moçambique e Angola, por sua vez, desenvolveu novos marcos gramaticais nessas nações que muitas vezes diferem do português europeu, apesar de se basearem no mesmo. Por se tratar de um fenômeno recente, não se pode caracterizar uma gramática específica para o português moçambicano (PM) ou português angolano (PA). Pronúncia, léxico e até mesmo cláusulas verbais suplementares são três formas fáceis de observar variações entre o PM e PA com o português europeu (PE). Diferenças léxicas, como *confusionar* (*arranjar confusões* PE) e *emprestação* (*empréstimo* PE) são apenas dois exemplos de diferenças em Moçambique.³⁰ Há ainda mais variações estruturais sintáticas nas cláusulas relativas. O dialeto moçambicano é conhecido por suprimir preposições, por exemplo, Raposo demonstra como os moçambicanos diriam *entregou o emissário a carta* versus *ao emissário* (PE) e *ninguém protestou a iniciativa* versus *contra a iniciativa* (PE). Além disso, há aspectos morfossintáticos que são comuns. Por exemplo, moçambicanos diriam *as pessoas preferem ganharem naquela hora mesmo* versus *ganhar* (PE).³¹ Essas diferenças gramaticais podem parecer irrelevantes, mas podem realmente afetar a comunicação de nossos aviadores e guardiões se forem mal compreendidos. Além disso, pode-se entender a percepção do pessoal dos EUA no mundo lusófono quando apenas um dialeto, geralmente o português brasileiro, é ensinado aos seus membros. A USAF deve diversificar seu ensino de português como outras agências do DoD e aumentar o Ensino de português para regiões africanas específicas.

Além das diferenças léxicas e sintáticas em uma língua, aqueles que trabalham em outras línguas devem ter uma compreensão profunda de sua cultura e do contexto em que a língua funciona. A linguagem corporal é primordial no estabe-

lecimento de autoridade na linguagem. A autoridade muitas vezes equivale a respeito, e se pretendemos treinar nossas forças armadas para comunicar respeito, devemos entender a cultura em seu nível mais minucioso. Richard Nixon famosamente deu aos brasileiros o sinal de “OK” dos EUA com a mão, sem perceber que este gesto era ofensivo em sua cultura. Esses deslizos, embora compreensíveis, podem ter consequências de vida ou morte em outros contextos.

O português, como língua, é um caso interessante porque sua formação tem sido generalizada como um “tamanho único” que se beneficiaria com a compra a granel. No entanto, o caso de Angola mostra o quão errada essa suposição pode ser. Angola, como muitas outras jovens democracias resultantes da terceira onda de democracia na região, e do recente fim das guerras civis que começaram quase imediatamente após o fim de sua colonização, exemplifica a complexidade das nações na África moderna. Rica em recursos e muitas vezes fora da vista da regulamentação internacional, Angola não tem sido imune à influência internacional que remonta à sua guerra colonial com Portugal e à sua guerra civil mais recente.

Na verdade, a ideia de os EUA estarem envolvidos em Angola não deve ser surpresa. Desde o governo do presidente Gerald Ford, os EUA gastaram dinheiro e recursos para ter influência e presença nesta nação. W. Martin James III afirma que o encontro conhecido como “Comitê 40” foi realizada para proporcionar a Roberto Holden, fundador da *Frente Nacional de Libertação de Angola* (FNLA), uma organização política militante que desempenhou um papel importante na luta de Angola pela sua independência de Portugal, com US\$ 300.000 para assegurar que os EUA não abortariam a missão de impedir os avanços do *Movimento Popular de Libertação de Angola* (MPLA).³² Além disso, ele afirma que a CIA desviou cerca de US\$ 50 milhões para a FNLA e a *União Nacional para a Independência Total de Angola* (UNITA) através do então Zaire, sem aprovação do Congresso.³³

Na época, o ex-presidente dos EUA Jimmy Carter e o senador dos EUA Dick Clark (D-Iowa) debateram a revogação da Emenda Clark³⁴ devido ao senador alegar publicamente que o presidente queria envolver os EUA na guerra civil angolana.³⁵ A troca de partidos não influenciou o envolvimento dos EUA em Angola. Ronald Reagan anunciou publicamente ao *Wall Street Journal* que ele queria armar os rebeldes angolanos, provando assim, mais uma vez, a intenção de apoio militar dos EUA na região.³⁶ Com medidas como essas tomadas na Guerra Fria anterior, não se pode prever nada diferente nos conflitos que enfrentaremos no próximo grande conflito com concorrentes próximos como a Rússia e a China.

A influência chinesa na esfera da África lusófona aumentou substancialmente nos últimos anos. Por exemplo, em Angola, com mais de 13 milhões de habitantes, o investimento chinês ultrapassou US\$ 20 bilhões, de acordo com Willy C. Shih.³⁷ Ao mesmo tempo, os EUA fizeram novas tentativas de livrar o governo

da corrupção abrindo novas janelas de oportunidade, apesar de terem investido apenas US\$ 126 milhões desde 1995, de acordo com o Departamento de Estado dos EUA (DoS).³⁸ De acordo com o DoS, “o novo governo está fazendo esforços concertados para melhorar e diversificar as fontes de investimento estrangeiro direto (IED).”³⁹ Isso demonstra potencial de influência na região e não deve ser menosprezado, especialmente porque a China tem sido bem sucedida na implantação de bases navais com acesso ao Oceano Atlântico em outras nações lusófonas na África.

Cabo Delgado Cobra dos EUA Investimento em Português

A visão do DoD... Em 15 de março de 2021, o Governo dos EUA e o Governo de Moçambique lançaram o Intercâmbio de Treinamento Conjunto Combinado (JCET), um programa de treinamento com duração de dois meses. O programa atribuiu às Forças de Operações Especiais dos EUA o treinamento de fuzileiros navais moçambicanos em um esforço para impedir a propagação do extremismo violento e do terrorismo na região. Em 10 de setembro de 2021, o governo dos EUA continua presente em Moçambique e está treinando as forças armadas moçambicanas em táticas de salvamento, de acordo com a Embaixada dos EUA em Moçambique.⁴⁰ Apesar do nosso foco mudar de tais insurgências ao redor do mundo, como as que existem em Moçambique, a ameaça ainda existe.

Esta não foi uma resposta relativamente rápida das forças armadas dos EUA, que hesitaram em se envolver na África desde a tragédia de 1993 na Somália, conhecida como “Black Hawk Down.”⁴¹ Infelizmente, isso possibilitou atrocidades como o genocídio de Ruanda em 1994 e outras que em grande parte continuaram: do envio de apoio humanitário para responder aos ataques do Boko Haram, até agora, com a falta de apoio adequado em Moçambique desde 2019. Segundo o DoS dos EUA, uma pequena fração dos incidentes relatados que ocorreram em 2019 são: 1) um atentado terrorista a um comboio ligado ao Anadarko Petroleum Corporation entre Mocimboa da Praia e a Península de Afungi, 2) o assassinato de um empreiteiro em 21 de fevereiro, 3) o assassinato de sete pessoas, incluindo duas crianças e um policial em 3 de julho no distrito de Nangade, 4) dois ataques separados nos distritos de Muidumbe e Macomia onde queimaram 70 casas, 5) a depredação de uma escola primária, 6) o incêndio de um hospital enquanto matavam sete policiais, um civil, e o sequestro de quatro mulheres em 10 de setembro, e 7) o confronto da afiliada do EIIS com as forças de segurança russas resultando na morte de 10 soldados.

Embora os EUA não tenham um interesse de Segurança Nacional na África, não há como esconder o seu interesse econômico: Segundo um estudo da Brown University, os EUA gastam US\$ 445 milhões anualmente em assistência a Mo-

çambique enquanto gastam cerca de US\$ 978 bilhões no Afeganistão e Paquistão desde 2019, tudo isso liderado por Rod Beckstrom, que demonstrou como organizações descentralizadas muitas vezes se tornam mais descentralizadas quando atacadas.⁴² Esse superinvestimento em uma pequena porção centralizada de um problema amplamente descentralizado, explica por que o foco em eliminar as lideranças de grupos como o EIIS tem se mostrado repetidamente ineficaz. O ranking econômico de Moçambique está perto das nações mais baixas do mundo, de acordo com o Índice das Nações Unidas para o Desenvolvimento Humano. A Rede de Pares da Pobreza Multidimensional informa que mais de 53% da população foi avaliada como “multidimensionalmente pobre.”⁴³ Esses locais tem sido alvo de organizações terroristas no passado, e devemos manter pelo menos uma força pequena e pronta para essas necessidades que possam surgir nessas regiões.

Alcance Global da Linguagem em Áreas Remotas - Timor Leste

À medida que a próxima Guerra Fria se aproxima inevitavelmente de todas as coisas no Pacífico devido à sua proximidade com a China, não se deve esquecer do impacto de outra nação lusófona, o Timor Leste. O Timor Leste tem uma longa história de forças imperialistas vindo para reivindicar a ilha. Remontando à influência portuguesa durante o período colonial, que se encerrou recentemente, para outras forças externas, como o Japão, durante a Segunda Guerra Mundial, usando a ilha como mais um ponto de progressão para nações como a Austrália. No passado, embora esta ilha seja pequena, obteve o interesse do presidente dos EUA Gerald Ford durante a Guerra Fria, a fim de impedir a disseminação do comunismo no Sudeste Asiático. Em seguida, a Indonésia invadiu o Timor Leste e dominou a região por pouco mais de uma década. Esta região volátil só ganhou sua independência da Indonésia em 2002, depois de ter reivindicada sua independência de Portugal em 1975. Esta jovem e bastante vulnerável democracia pode vir à tona mais uma vez na nova batalha por influência na região.

Conclusão: Diversificar Nosso Treinamento Linguístico

Muitos no DoD pedem mais influência e investimento, e a comunidade linguística deve continuar a fazê-lo também. Todos os meios disponíveis devem ser aproveitados, incluindo a literatura e recursos multimodais, na formação de nossos futuros líderes. Além disso, através de reformas ponderadas, essa mudança na doutrina não custaria muito mais à USAF a longo prazo do que atualmente investe em seu programa de idiomas global; ao adotar novas abordagens inovadoras, como o uso de SMEs locais especializados para instruir ao lado de professores universitários, contribuiria para compensar quaisquer custos adicionais. Em um mundo onde

tanto as relações pessoais quanto a cultura pop importam, devemos continuar a revolucionar a maneira como ensinamos línguas estrangeiras aos nossos Aviadores e Guardiões.

Além disso, equipar nossas tropas com um entendimento cultural mais profundo nos garantirá aliados muito necessários em um mundo no estilo bipolar/Leste-Oeste da Guerra Fria, que parece estar prestes a chegar. Seremos capazes de convencer gigantes como o Brasil e a Índia a valorizar democracias ameaçadas em todo o mundo contra seus atuais aliados autocráticos? Seremos capazes de alavancar os recursos africanos e aumentar os valores democráticos na África? A resposta a essas perguntas dependerá do desenvolvimento de nossos futuros líderes na intrincada compreensão de como esses países veem o mundo; e não há melhor caminho para expandir o conhecimento e a compreensão de nossos futuros líderes sobre essas nações do que através de conhecimentos linguísticos altamente sofisticados. □

Notas

1. "USAF & USSF Almanac: Specialty Codes," *Air Force Magazine*, 2021, <https://www.airforcemag.com/article/2021-usaf-ussf-almanac-specialty-codes/>.
2. Jim Garamone, "Space Force Personnel to be Called Guardians," DoD News, 19 December 2020, *US Department of Defense*, <https://www.defense.gov/News/News-Stories/Article/Article/2452910/space-force-personnel-to-be-called-guardians/>.
3. "DLPT Relevant Information and Guides," *Defense Language Institute Foreign Language Center*, <https://www.dliflc.edu/resources/dlpt-guides/>.
4. Left of boom refers to offensive measures put in place before to avert a crisis, i.e. boom.
5. Ezra Pound, "How to Read," *Desmond Harmsworth* First Edition, 1 January 1931.
6. "Interagency Language Roundtable Scale," <https://www.languagetesting.com/ilr-scale>.
7. Evi Puspitasari, "Literature-Based Learning to Build Students' Vocabulary," *Journal of Foreign Language* 1.1, (2016), P. 52.
8. Violetta-Irene Koutsompou, "The Use of Literature in the Language Classroom: Methods and Aims," *International journal of information and education technology* 5.1, (2015), P. 74.
9. Stephen D. Krashen, "The Power of Reading: Insights from the Research," ABC-CLIO, 2004.
10. Rosanna McCoy Weir, "Using Cooperative Learning with Literature to Enhance Social Development in the Primary Grades," 1991.
11. Marija Krsteva, and Marija Emilija Kukubajska, "The Role of Literature in Foreign Language Acquisition," *Procedia-Social and Behavioral Sciences* 116, (2014), 3605-3608.
12. Tony Berber Sardinha, and Marcia Veirano Pinto, eds, "Multi-Dimensional Analysis, 25 years on: A Tribute to Douglas Biber," Vol. 60, *John Benjamins Publishing Company*, 2014.
13. Ibid. P. 312.
14. Ibid.
15. Ibid. P. 218.

16. Ibid.
17. Evi Puspitasari, P. 51.
18. Piera Carroli, "Literature in Second Language Education: Enhancing the Role of Texts in Learning," *A&C Black*, 2008. P. 1.
19. Ibid. P. 5.
20. Luca Fazzini, "Versões Do Horror: Guerra E Testemunho No Romance Português E Italiano Contemporâneo," (Print, 2019).
21. Gabriel Stargardter, "Bolsonaro Won't Condemn Putin, says Brazil will Remain Neutral over Invasion," *Reuters*, 27 February 2022.
22. Jerry Dávila, *Dictatorship in South America*, John, Wiley & Sons, 2013, P. 24.
23. Ibid. P. 28.
24. Ibid.
25. Ibid. P. 29.
26. Ciara Nugent, "Lula's Second Act: Brazil's Most Popular Leader Seeks a Return to the Presidency," *Time*, 4 May 2022.
27. Jerry Dávila, P. 37.
28. Emília Ferreira, Louceiro Clenir, and Cruz E. C. Vera, "7 Vozes: Léxico Coloquial Do Português Luso-Afro-Brasileiro: Aproximações," (Lisboa: *LIDEL* - Ed. técnicas, 1997, Print).
29. Eduardo Paiva Raposo, ed. "Gramática do Português," *Fundação Calouste Gulbenkian*, 2013.
30. Ibid. P. 167.
31. Ibid. P. 175.
32. James W. Martin III, *Political History of the Civil War in Angola, 1974-1990* (Print, 2011) P. 61.
33. Ibid.
34. The amendment barred aid to private groups engaged in military or paramilitary operations in Angola.
35. Ibid. P. 147.
36. Ibid. P. 149.
37. Willy C. Shih, "Global Supply Chains in a Post-Pandemic World," *Harvard Business Review* (September-October, 2020).
38. "Investment Climate Statements: Angola," *US Department of State*, 2011, <https://www.state.gov/reports/2019-investment-climate-statements/angola/>.
39. Ibid.
40. US Embassy of Mozambique, "US Department of Defense Conducts Combat and Lifesaving Training with Mozambican Defense Forces," <https://mz.usembassy.gov> 10 September 2021.
41. Mark Bowden, "The Legacy of Black Hawk Down," *Smithsonian Magazine*, <https://www.smithsonianmag.com/history/legacy-black-hawk-down-180971000/>.
42. Rod Beckstrom, *The Starfish and the Spider*, Gildan Media Corporation, 2008.
43. Multidimensional Poverty Peer Network, "National Multidimensional Peer Index (NMPI)," https://mppn.org/paises_participantes/mozambique/.



Jordan Eason

Jordan Eason, um funcionário público da USAF, é bacharel em Estudos da Área Externa pela Academia da Força Aérea dos EUA (USAFA), e mestre pela Universidade do Estado do Arizona. Coursou estudos de Português multidisciplinares na Universidade Aberta em Lisboa e possui mestrado em Tradução e Interpretação pela Universidade de Illinois. Foi instrutor e diretor de português na USAFA de 2016 a 2018. Atualmente está concluindo seu doutorado pela Universidade de Coimbra, focado na remediação de clássicos da literatura portuguesa para alunos estrangeiros, ele trabalha como único especialista interno em assuntos da língua portuguesa (dialetos africanos, brasileiros e europeus) para o NFLC da Universidade de Maryland. Ele também tem experiência como instrutor para o contrato de idiomas ICA do Instituto de Línguas da Defesa e Conferencista da Univeridade de Michigan.